



SER OFICINEIRO A LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO: IMPASSES E POSSIBILIDADES

Adriana Santos de Miranda¹
Danielle Evangelista Pequeno²
Débora Mariane de Carvalho³
Deborah Cassemiro Soares da Silva⁴
Dioni da Rosa Mantini⁵
Grazielle Alves de Castro⁶
Patrícia Pinto de Paula⁷

RESUMO: Este artigo traz, à luz da psicodinâmica, algumas compreensões acerca do trabalho realizado por oficinairos junto à população jovem, considerada em situação de vulnerabilidade social, de uma região da cidade de Belo Horizonte-MG. Desenvolveu-se uma prática investigativa durante a disciplina Saúde Mental e Trabalho\Clínicas do Trabalho, com pesquisa de campo sobre as relações de trabalho e processos subjetivos fundamentado em uma determinada clínica do trabalho. O grupo de autoras do presente artigo teve como objetivo estabelecer possíveis relações entre o trabalho do oficinairo, e a saúde mental dos mesmos. Como fundamentação teórica utilizou-se alguns autores como Dejours, Bueno e Macedo, Maraschin, Chassot, Gorcezewski, na perspectiva psicanalítica, com ênfase na psicodinâmica do trabalho, e Lhuillier, uma referência da psicossociologia do trabalho, que traz contribuições para a psicodinâmica do trabalho. Elaborou-se um roteiro de entrevista semiestruturada que possibilitou a coleta de dados para melhor compreensão do fenômeno estudado. Da análise crítica das observações de campo e os relatos dos oficinairos entrevistados, articulados à fundamentação teórica, destaca-se a importância do reconhecimento no trabalho, preocupações para além do espaço físico do trabalho na oficina, e a dificuldade de separar a vida privada da profissional. A construção do presente artigo proporcionou troca de saberes, reflexões e clareza acerca do papel desempenhado pelos oficinairos e de sua importância nas comunidades em situações vulneráveis, o que abriu uma nova questão a ser investigada. A saber se o reconhecimento do trabalho realizado pelos oficinairos viabiliza uma proteção contra os riscos à saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho e Subjetividade; Oficinairo; Psicodinâmica do trabalho; Saúde Mental e Trabalho.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo derivou de um estudo teórico-metodológico, elaborado na disciplina Saúde Mental e Trabalho- Clínicas do Trabalho, no curso de psicologia da PUC Minas São Gabriel ministrada/orientada pela professora Patrícia Pinto de Paula. O estudo teve por objeto

¹ Graduanda em Psicologia pela PUC Minas – São Gabriel.

² Graduanda em Psicologia pela PUC Minas – São Gabriel.

³ Graduanda em Psicologia pela PUC Minas – São Gabriel.

⁴ Graduanda em Psicologia pela PUC Minas – São Gabriel.

⁵ Graduanda em Psicologia pela PUC Minas – São Gabriel.

⁶ Graduanda em Psicologia pela PUC Minas – São Gabriel.

⁷ Doutora em Psicologia Social. Professora da PUC Minas - São Gabriel. patriciapintodepaula@gmail.com

de investigação a psicodinâmica do trabalho do oficinairo que atua em determinada região com vulnerabilidade social na cidade Belo Horizonte.

Para melhor entendimento, o termo “trabalho” foi utilizado neste artigo no sentido “clínico, o trabalho não é em primeira instância a relação salarial ou o emprego; é o «trabalhar», isto é, um certo modo de engajamento da personalidade para responder a uma tarefa delimitada por pressões materiais e sociais” (DEJOURS, 2004, p. 28). Perspectiva que esclarece bem o trabalho do oficinairo. Segundo especialistas da área:

O fazer-se oficinairo e a prática da oficina se constituem em uma tensão entre dentro e o fora da oficina: público alvo, comunidade e universidade. Esse “fora” consiste em agentes perturbadores que levam a diferentes posições e negociações no grupo, capazes de fazer operar mudanças em seus modos de atuar (MARASCHIN; CHASSOT; GORCZEVSKI, 2006, p. 294).

Para compreender o trabalho do oficinairo, buscou-se a contribuição da clínica psicodinâmica do trabalho de Cristophe Dejours, com o foco de análise na organização do trabalho e como são produzidos os processos de subjetivação, o sofrimento, a saúde ou prazer, relacionados à atividade laboral. Assim como, as estratégias de ação elaboradas pelos trabalhadores para confrontar o real da organização do trabalho com seus imprevistos e constrangimentos.

A ênfase do estudo foi no processo de sofrimento psíquico advindo das vivências subjetivas e inter-subjetivas. Justifica-se, assim, a escolha pela psicodinâmica do trabalho conforme apresenta um dos fundadores dessa abordagem:

Para começar, a psicodinâmica do trabalho é uma disciplina clínica que se apóia na descrição e no conhecimento das relações entre trabalho e saúde mental; a seguir, é uma disciplina teórica que se esforça para inscrever os resultados da investigação clínica da relação com o trabalho numa teoria do sujeito que engloba, ao mesmo tempo, a psicanálise e a teoria social. (DEJOURS, 2004, p. 28).

Dejours (2004) ao elaborar sua teoria, teve por objeto de pesquisa a vida psíquica no trabalho. Seu estudo teve como foco o sofrimento psíquico e as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos trabalhadores para a superação e possível transformação do trabalho em fonte de prazer. A experiência de campo nos oportunizou uma articulação desta teoria com as vivências adquiridas na prática.

Os oficinairos do presente artigo são pessoas que atuam na região em que residem em parceria com a comunidade. O trabalho é voltado para jovens e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, no qual propõem oficinas como exemplo: futebol, artes maciais, artes,

dança dentre outros. Pensando na perspectiva que esses profissionais atuam na própria comunidade, se faz necessário entender como é a situação de trabalhar e residir no mesmo local.

2 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

Para atingir o objetivo da pesquisa, que se constituiu em investigar a psicodinâmica do trabalho do oficinairo, seus impasses e possibilidades, e em que medida isso contribuiu para o adoecimento mental ou não dos profissionais dessa categoria, decidiu-se pela pesquisa qualitativa.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Propomos alguns passos que consideramos necessários para elucidar o fenômeno pesquisado. Em momentos complementares foi realizado um estudo de base teórica sobre as publicações no BVS_Psico, com os descritores: trabalho e saúde mental; trabalho e subjetividade; oficinairo. Realizou-se também uma pesquisa de campo, seguindo as principais referências propostas pela psicodinâmica do trabalho, a clínica do trabalho que fundamentou essa prática investigativa.

Foram feitas entrevistas semiestruturadas individuais com três oficinairos de uma Escola Integrada. As entrevistas objetivaram identificar e conhecer a dinâmica de trabalho dos mesmos, entender os impasses e as possibilidades vivenciadas no cotidiano da profissão.

Apesar de reconhecer as limitações, a entrevista em pesquisa qualitativa procura ampliar o papel do entrevistado ao fazer com o que o pesquisador mantenha uma postura de abertura no processo de interação, evitando restringir-se às perguntas predefinidas, de forma que a palavra do entrevistado possa encontrar brechas para sua expressão.

Este tipo de entrevista nos possibilitou compreender a realidade particular de cada indivíduo que irá contribuir para a transformação social em sua ação emancipatória, efêmera e dialética que pretende desencadear nos próprios participantes da pesquisa.

A entrevista semiestruturada, segundo Triviños:

É aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teoria e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de inter-

rogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

Os sujeitos entrevistados foram oficinairos, que atuam em áreas vulneráveis situadas na cidade de Belo Horizonte-MG, que desenvolvem trabalhos com jovens e adolescentes. A primeira entrevista teve um caráter piloto e, para coleta de dados, utilizamos como recurso um gravador para posteriormente ser transcrita. Por entender que este nos permite maior integridade dos dados e confiabilidade na transcrição.

Para análise dos dados, inspirados na análise de conteúdo, como propõe Minayo (2010), foi feita uma primeira leitura dos registros das entrevistas e, em seguida, foram extraídos os temas mais relevantes. Esses temas foram problematizados com o referencial teórico levantado, que subsidiou a apresentação e discussão dos resultados nesse artigo.

E por fim, o presente artigo coloca uma conclusão com reflexões acerca do trabalho do oficinairo, quais desafios, como lidam com os imprevistos e as consequências que este trabalho trás a saúde mental dos profissionais desta categoria.

3 O TRABALHO E SUBJETIVIDADE À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Para compreendermos o trabalho do oficinairo seus impasses e possibilidades, partimos da fundamentação da Psicodinâmica do Trabalho, a qual desde sua origem contribui para uma concepção contemporânea da subjetividade no trabalho. Segundo Bueno e Macedo (2012) a Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem científica que foi criada na França em 1980, por Christophe Dejours, médico psiquiatra e psicanalista, nascido em Paris, em 1949. Durante seu percurso acadêmico desenvolveu novos paradigmas e consolidou essa nova linha de pensamento.

A Psicodinâmica do Trabalho articula conceitos da ergonomia com a psicanálise e sociologia, direcionando seus estudos para a vida psíquica no trabalho. Ela tem como foco, analisar os sofrimentos gerados e as estratégias de enfrentamento dos trabalhadores para transformação do trabalho em prazer.

Bendassoli e Soboll (2011) nos ajudam a pensar no sujeito a que Dejours se refere, dizendo que este é dividido por conflitos intrapsíquicos e constituído pelo trabalho. Segundo esses autores, para Dejours não há como o sujeito se constituir fora da relação com o outro.

Dessa forma, a psicodinâmica realiza uma análise sociopsíquica do trabalho, considerando o mesmo, em seu caráter real e prescrito, procurando compreender as vivências de cada um e os acordos tácitos de determinados coletivos, referente ao prazer e ao sofrimento.

Na perspectiva de Lhuilier (2011), o foco da Psicodinâmica está entre o trabalho prescrito e o trabalho real enfatizando a forma singular que o sujeito encontra para lidar com as atividades laborais do dia-a-dia. Esta articulação contribui para compreensão de que o sujeito se constrói a partir do seu agir no mundo e também em seu trabalho. Uma vez que se evidencia, ou não, a formação de coletivos que compartilham saberes práticos e inteligência prática.

Em relação ao trabalho desenvolvido pelo oficinairo, Maraschin, Chassot e Gorcevski (2006), o definem como uma prática do terceiro setor engajada na realização de oficinas em sua própria comunidade, que busca novas formas de trabalho com a condição juvenil contemporânea. As autoras afirmam que “o oficiar e os oficinairos surgem a partir de uma rede contínua de gestos conversacionais, como uma teia sob a qual se desenham as possibilidades de relação e de identificação” (MARASCHIN, CHASSOT; GORCZEVSKI 2006, p. 288).

O público das oficinas é uma das principais razões de existir o trabalho dos oficinairos. O público usual dos oficinairos são jovens considerados “vulneráveis” ou “em situação de risco”, e as oficinas são freqüentemente vistas (pelas políticas públicas e pelos próprios oficinairos) como formas de oferecer alternativas a este jovem, afastando-o das drogas, do crime, aumentando seu envolvimento com a comunidade, sua autoestima, estimulando a criatividade, a crítica social. (MARASCHIN; CHASSOT; GORCZEVSHI, 2006, p. 294).

Dessa maneira, compreendemos que a criação de vínculo e a interação são importantíssimos para construção de sentido do trabalho e “o trabalho, como atividade material e simbólica constitutiva do vínculo social, é também constitutivo da vida subjetiva” (LHUILIER, 211, p. 42). A categoria profissional de oficinairos não se encontra nos registros de “*Classificação Brasileira de Ocupações*” (CBO), ou seja, não há um reconhecimento oficial da profissão como tal, o que torna em alguns casos um desafio maior entre outros enfrentados por eles em seu cotidiano. O registro ocupacional na maioria das vezes é descrito como *monitor de oficina* no qual a prescrição difere significativamente do trabalho real dos oficinairos, que segundo eles, ultrapassa o espaço físico das oficinas e tem como objetivo oferecer possibilidades que possam orientar os jovens das referidas comunidades a uma profissão e forma de vida mais digna.

Buscando essa compreensão à luz da psicodinâmica do trabalho, Alderson citado por Bueno e Macedo (2012) nos fala de três premissas usadas por esta teoria. A primeira refere-se à busca da autorrealização pelo sujeito, sendo o mesmo movido por seus desejos e expecta-

tivas de vida. A segunda, diz da relação do trabalho prescrito e real. E a terceira nos fala do reconhecimento, que se caracteriza pelo desejo de sentir-se valorizado a partir do olhar do outro.

O trabalho prescrito se configura a partir do que está na norma, do que lhe foi proposto. E o trabalho real nos aponta como o trabalhador realmente executa a tarefa, ou seja, como ele usa sua subjetividade para interpretar a prescrição, bem como para lidar com imprevistos que trazem consequências desagradáveis. Isso ocorre pois, a prescrição da tarefa muitas vezes não leva em consideração fatores externos e no momento em que o trabalhador obtém um fracasso na execução da tarefa ele percebe que existe uma diferenciação entre o trabalho prescrito e o real.

Quando o trabalho real é deparado com o fracasso, o sujeito pode experimentar o sofrimento que por sua vez produz maneiras singulares de enfrentamento. Uma das formas de transformar o sofrimento em prazer se configura através da busca por reconhecimento no trabalho, ou seja, da busca por uma visibilidade. Dessa maneira, Gernet e Dejours (2011) afirmam que existem profissões que não são valorizadas e nesse sentido, o trabalho real não pode ser mensurado de forma concreta.

O trabalho, antes de tudo, é atravessado e estruturado pelas relações sociais de dominação que pesam sobre a subjetividade dos homens e mulheres que trabalham. A expressão de opiniões divergentes sobre o trabalho contribui para revelar as divisões técnica, sexual e moral do trabalho que vão ter consequências sobre a dinâmica do reconhecimento. (GERNET; DEJOURS, 2011, p. 65).

Caso o sujeito não obtenha reconhecimento como é o caso de alguns oficineiros que declaram esse sentimento, pode ocorrer então um processo de alienação mental, no qual o sujeito utiliza de mecanismos de defesa para lidar com o sofrimento e assim evitar o desencadeamento de transtornos mentais. “[...] Quando o sujeito está apartado do real e do reconhecimento pelo outro, ele é remetido á solidão da loucura, conhecida como “alienação mental” (GERNET; DEJOURS, 2011, p. 64).

Bueno e Macedo (2012, p. 308) ressaltam contribuições que a psicodinâmica tem a oferecer para a relação de trabalho/subjetividade e prazer/sofrimento, quando afirmam tratar de uma abordagem que alcança as interfaces das vivências subjetivas no trabalho e a saúde mental daqueles que compartilham encargos em uma mesma organização. Os autores acima citados destacam ainda o quanto as relações entre as pessoas e o poder no trabalho, nem sempre visíveis e formalizadas, são influenciadoras do prazer e sofrimento e até mesmo do adoecimento psíquico.

Os autores consideram que o trabalho é uma atividade social e cultural que desperta o desejo do outro. Sendo assim, também é importante salientarmos sobre a noção de sujeito tratada na psicodinâmica.

Outro ponto abordado por Dejours (2004) se refere à concepção de sujeito, crucial para a clínica do trabalho. Cita o autor que o sujeito inconsciente da psicanálise está integrado, do ponto de vista teórico, ao sujeito do sofrimento e do prazer da Psicodinâmica. O desejo se confronta com a realidade. O sujeito do inconsciente em Dejours, tem origem antes do encontro com o trabalho e ao se confrontar com o real choca-se e resiste ao que a história singular mobiliza, singulariza e potencializa. (BUENO; MACEDO, 2012, p. 312).

Essa perspectiva nos traz uma possível articulação entre os conceitos, princípio de prazer e princípio de realidade, discutidos pela psicanálise e presentes nesta análise. Para a psicodinâmica o sujeito é visto como um ser de desejos e que em sua busca pela satisfação se submete às regras da organização. No entanto, cada um realiza os seus desejos conforme os seus limites, revelando assim que existe uma singularidade que nos remete a uma forma de pensar sobre o agir que é específica de cada um. A partir disto e pensando em adoecimento, podemos dizer embasadas no marco teórico, que o trabalho não adocece, mas desencadeia o adoecimento dependendo das relações de poder, de reconhecimento ou de fragilidade do vínculos de confiança e cooperação. Ainda segundo Bueno e Macedo (2012), Dejours, Abdouchelli e Jayeti (1994) desenvolveram três categorias de análise da psicodinâmica para explicar a relação entre prazer/sofrimento e saúde/doença. De forma resumida, são elas: Organização do Trabalho, Mobilização Subjetiva, e Sofrimento e Defesas. Na categoria *Organização do Trabalho*, é discutida a *estrutura da organização* em termos administrativos, como por exemplo, como é feita a distribuição de tarefas e hierarquia. É apresentado também nesta categoria, *as relações de trabalho* e *as condições de trabalho*, em que, uma se refere às condições físicas, biológicas e higiênicas e a outra se refere ao relacionamento entre trabalhadores, respectivamente. Na categoria *Mobilização Subjetiva*, temos a *inteligência prática*, que seria a estratégia que o coletivo cria em decorrência aos imprevistos para enfrentar situações diversas, na tentativa de minimizar o sofrimento, transformando em prazer. Temos também a *cooperação* assinalada como uma estratégia de mobilização coletiva, caracterizada pela maneira de agir de determinado grupo para resignificar o sofrimento. Ainda nesta categoria é apresentando o *espaço de discussão* que é o meio pelo qual, buscam-se trocar opiniões, praticando o exercício de falar e escutar. E *o reconhecimento*, visto como uma forma de valorização e retribuição pelo trabalho realizado.

Na última categoria elencada, *Sofrimento e Defesas*, são abordados os elementos, *sofrimento criativo*, caracterizado pela mobilização e transformação do sofrimento em algo benéfico. E o *sofrimento patogênico*, qualificado pela ausência de flexibilidade dentro da organização que bloqueia a descarga de energia pulsional, propiciando dessa forma, a criação de estratégias defensivas. E por fim, as *estratégias defensivas*, assinaladas como estratégias que propiciam a adaptação do sujeito às pressões do trabalho, visando à diminuição do sofrimento.

Os elementos utilizados para transformar o trabalho, quando este ameaça o sujeito com o sofrimento e adoecimento, são diferentes e dependentes tanto das estratégias singulares de cada trabalhador, como também das relações sócio-psíquicas entre pares/colegas de trabalho, chefias, e usuários do trabalho. Lhuillier (2011) nos aponta que a construção de sentido do trabalho, o reconhecimento e a construção da identidade são pontos centrais para a análise na Psicodinâmica do Trabalho. Podemos pensar então, que o trabalho ocupa um lugar importante na construção do sujeito.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Avaliar uma ação supõe não somente se levar em conta os seus efeitos materiais visíveis em situações objetivas, mas voltar-se à qualidade das reflexões, das subjetivações e às mudanças qualitativas nas relações que ela desencadeou. Por isso, na presente pesquisa, encontramos diversas situações relatadas pelos oficineiros, que merecem ser ponderadas como: falta de reconhecimento no trabalho, situações de improviso, preocupações para além do espaço físico do trabalho e a não distinção entre vida privada e profissional, o que será discutido logo a seguir.

Os sujeitos entrevistados receberam nomes fictícios de modo a preservar a identificação e resguardar o sigilo comprometido no momento das entrevistas e observações com as autoras desse artigo.

4.1 Trabalho prescrito e trabalho real

O trabalho, enquanto uma atividade intercessora é gerador de acepções psíquicas para os indivíduos. Essas acepções psíquicas no contexto do trabalho têm um papel fundamental no processo psicológico de construção de identidade, e na garantia do equilíbrio psíquico dos trabalhadores. Assim, as vivências psíquicas dos trabalhadores são tecidas no cotidiano de

trabalho, sobretudo, por meio da gestão do trabalho prescrito, da explicação dos efeitos do trabalho real, da construção de novos saberes, da gestão de relações sociais e profissionais e da elaboração de significação psíquica em termos de prazer-sofrimento.

Alderson citado por Bueno e Macedo (2012) nos diz que o trabalho prescrito se configura a partir do que está na norma, do que lhe foi proposto, e o trabalho real como o trabalhador realmente executa. Com base nisso, algumas falas dos oficinairos nos trazem elementos acerca do trabalho real.

Então assim, o Fica Vivo me chamou uma vez e falou: “Ô Tiago .,a gente tem percebido que você está se envolvendo além de sua oficina” e eu me senti um pouco assim.... então, perai... Eu não vou ficar aqui só olhando ele dentro da minha oficina não... então, eu prefiro nem fazer parte do programa. Porque se eu for acompanhá-lo quarta e sexta só de 19 as 21:30, o tempo maior ele está fora da oficina. Então o meu trabalho não vai ter resultado não! (sic. Tiago, 33 anos).

Os oficinairos que convivo com eles ... eles não simplesmente, senta e dá uma oficina em duas horas e meia. Não, né, eles são, nós somos muito mais que isso agente se envolve de uma forma, que... nós podemos dizer quer...os meninos têm muito mais respeito com agente do que com os professores na sala de aula hoje, dentro da escola. (sic. Tiago, 33 anos).

Perguntamos se eles conheciam a prescrição do cargo, para o qual eram contratados, conforme a CBO e algumas de suas falas explicitam o que sabem do trabalho prescrito:

Não, a gente é contratado como monitor de oficina. Aqui a gente acha até, até errado isso né, mas a gente né, mas a gente é contratado como monitor de oficina. (sic. Carlos, 34 anos).

[...] Isso que você falou sobre o contratar ...eu conheço... tem amigos meus que são contratados como educadores de dança, educadores... não é mais um oficinairo, um monitor, e aí eu tento descobrir sabe qual que é essa função de educador... se pra ser chamado de educador tem que ser formado como professor de alguma coisa sendo que a gente consegue fazer com esses meninos aqui é simplesmente isso ... Poxa, a gente é, aqui na escola nós temos uma richa, né... nós somos monitores ou agentes culturais?” [...] Então se você levando ao pé da letra o trabalho nosso não condiz com a profissão né, que a gente é legalmente é contratado por ela. Monitor e oficinairo tem uma diferença enorme né. (sic. Tiago,33 anos).

4.2 Sofrimento e prazer no trabalho dos oficinairos

As experiências de prazer-sofrimento têm sido consideradas pela Psicodinâmica do Trabalho como um construto dialético, no qual coexistem entre si, podendo haver o predomínio de uma sobre a outra.

Em sua grande maioria, quem trabalha se esforça para fazer as coisas o melhor possível e coloca nisso muita energia, paixão e compromisso pessoal. O justo é que esta contribuição, esse esforço do trabalho seja reconhecido. Quando isso não acontece, e passa indeliberadamente em meio à apatia e invisibilidade geral, ou os outros o recusam, o resultado é um sofrimento muito perigoso para a saúde mental, e se produz uma desestabilização das referências sobre as quais se apoia a identidade.

O reconhecimento não é um apelo insignificante de quem trabalha. Muito pelo contrário, se apresenta como um artifício decisivo na dinâmica de mobilização particular da inteligência e da personalidade no trabalho. Como já vimos, o sujeito pode transferir o reconhecimento do trabalho para o registro da construção de sua identidade. E de acordo com Dejours (2013), o trabalho se inscreve assim, na dinâmica da autorrealização:

Identidade constitui a armadura da saúde mental. Não há crise psicopatológica que não tenha em seu núcleo uma crise de identidade. E isto confere à relação com o trabalho sua dimensão propriamente dramática. Ao não contar com os benefícios do reconhecimento de seu trabalho nem poder aceder ao sentido da relação que vive com esse trabalho, o sujeito se confronta com seu sofrimento e só a ele. Sofrimento absurdo que só produz sofrimento, dentro de um círculo vicioso, e que será desestruturante, capaz de desestabilizar a identidade e a personalidade e causar doenças mentais. Por isso, não há neutralidade no trabalho em relação à saúde mental. (DEJOURS, 2013, p. 12).

Na entrevista isso pode ser explicitado pela fala de um oficinairo que diz:

E eu fui vendo esta coisa parecendo, escutando esta palavra, educador, do que o oficinairo. Ah, que o oficinairo não é aquele que simplesmente, não é o cara que vai lá, e abre a porta, dá a oficina daquilo que ele faz não. Ele participa, ele faz aquilo ele cria e forma o cidadão. E aquilo foi aumentando na minha cabeça de uma forma eu imaginava que é educador seria como eu fui educado pela minha mãe, tu mora num bairro violento também eu não nasci no VT mas eu moro no VT desde os 9 anos dignidade e eu ficava pensando assim então o que, que é o educador como eu vou educar com a capoeira. (sic. Tiago, 33 anos).

Tiago ao responder o que causa sofrimento, afirma que:

[...] não sei, sabe? Eu acho que já passei por tudo com a capoeira, sabe. A gente tinha o preconceito de falar que a capoeira era macumba. Os pastores aqui do bairro não deixavam os alunos mais vir pra capoeira porque fazia aquela lavagem cerebral na cabeça deles.

[...] A frustração é isso, sabe é de...você não conhece, mas mesmo assim você fala mal. É um preconceito que atrapalha a gente. Eu tive ao ponto de ir na igreja do Pastor e vi que ele era um negro e falei assim: eu não estou te entendendo não! Você é um negro e a arte da capoeira é praticamente dos seus ancestrais, cara! Aí eu perguntei pra ele quantos jovens ele tira por dia do tráfico, quantos jovens ele tira por dia

da maconha da droga aí ele não soube me responder. Aí eu falei: pois é eu tô lá com uma sala cheia deles. (sic. Tiago, 33 anos).

Carlos também fala de como vivencia o sofrimento do trabalho:

Eu acho que o sofrimento eh! Tipo assim, você acaba virando né! Você trabalha num lugar que tem problema social, onde todo esse entendimento de que é problema social, trabalhar com a pessoa. Mas quando você a sua volta pessoas que não estão comprometidas com isso que vem somente pela verba, salário, necessidade de trabalhar você sofre, aí você quer abraçar todos para se valer do outro que não quer abraçar a causa, não dá para abraçar a causa pelo outro você sofre com isso, você não da conta. (sic. Carlos, 34 anos).

Ainda assim, é importante ressaltar que o sofrimento é, também, uma estratégia de grande valia na vida profissional, pois, através dele o sujeito consegue conhecer a si mesmo e o mundo ao seu redor. “Assim, é numa relação primordial de sofrimento no trabalho que o corpo faz, simultaneamente, a experiência do mundo e de si mesmo” (DEJOURS, 2004, p. 28).

Já a conceituação das vivências de prazer no trabalho estabelece um núcleo teórico fundamental em Psicodinâmica do Trabalho (Dejours, 1994). As experiências de prazer estão relacionadas ao sentido que o indivíduo atribui ao seu trabalho. Na entrevista isso pode ser explicitado pela fala do oficinairo Tiago que diz:

Então é de segunda a segunda. Mais o stress do dia a dia, problema que a gente tem dentro de casa, mais as contas para pagar, família. [...] Eu aprendi de uma certa forma, nessa vivencia toda. Mais que quando eu estou dentro da capoeira ou do Hapkido, sabe... não se resolve mais eu esqueço naquela hora. Eu esqueço, me sinto uma outra pessoa. [...] Mas é dentro do Hapkido e da capoeira que me dá essa força para eu resolver meus problemas. Foi o que eu escolhi para fazer. “Eu deixei tudo para ser capoeira e atleta de Hapkido. (sic. Tiago, 33 anos).

Eu trabalhava no Jornal, tinha um cargo lá, excelente né, tinha uma renda muito boa lá, mas foi tomando uma proporção tão grande pra mim que eu decidi sair de lá, para trabalhar com capoeira, teve uma oportunidade de sair de lá, e eu sair. (sic. Tiago, 33 anos).

4.3 Situações inesperadas no trabalho e a inteligência prática

A Psicodinâmica traz a diferenciação entre o trabalho prescrito e real, seu objetivo é mobilizar um engajamento subjetivo para que o trabalhador consiga inventar, articular, agir frente aos imprevistos.

Por um lado, os imprevistos do trabalho, aquilo que extrapola as prescrições e normas, abre oportunidades para a expressão da subjetividade. O inesperado do trabalho pode

também representar riscos ao trabalhador, em especial à sua saúde mental, quando se encontra em uma situação que impede rearranjos, inventividades. Segundo Dejours quando a organização do trabalho não permite ajustes operados pelo profissional, o risco à sua saúde mental torna-se significativo:

Se a relação corpo-condições de trabalho muitas vezes é estudada corretamente, ao contrário, nunca se faz menção das repercussões do perigo real a nível mental, da carga (de trabalho) psíquica inerente ao trabalho perigoso que, entretanto, faz parte do desgaste do organismo limitado. O medo relativo ao risco pode ficar sensivelmente amplificado pelo desconhecimento dos limites deste risco ou pela ignorância dos métodos de prevenção eficazes. Além de ser um coeficiente de multiplicação do medo, a ignorância aumenta também o custo mental ou psíquico do trabalho [...] (DEJOURS, 1998, p. 66-67)

Algumas situações inesperadas:

[...] ele tava fazendo oficina comigo chegou um cara de moto chamando lá fora, [...] aí esse cara entrou pra dentro da oficina, e aí quando ele viu que ele tava comigo na oficina, ele falou: nó professor, se não fosse o senhor eu ia matar esse menino aqui agora, aí [...] eu falei [...] vão conversar, aí eu abracei ele pelo ombro e a gente saiu da sala fomos conversando e ele me explicou qual a situação do menino não sei o quê pá, pá, pá. Consegui evitar o pior e após a situação eu fiquei sem chão nenhum, sabe, eu não conseguia pensar que eu consegui de alguma forma resolver o problema, eu só conseguia pensar que esse menino podia ter dado um tiro lá dentro. (sic. Tiago, 33 anos).

Notamos o quanto o exercício da autonomia, a possibilidade de ajustar o trabalho às necessidades subjetivas atenua o sofrimento e pode potencializar inventividades, a inteligência prática.

4.4 Preocupações para além do espaço físico do trabalho: a não distinção entre vida privada e profissional

De acordo com Dejours (2004):

O trabalho não é, como se acredita frequentemente, limitado ao tempo físico efetivamente passado na oficina ou no escritório. O trabalho ultrapassa qualquer limite dispensado ao tempo de trabalho; ele mobiliza a personalidade por completo. (DEJOURS, 2004, p. 23)

E, ainda, segundo esse autor, o que acaba de ser descrito a respeito de trabalho é da alçada da subjetividade. Significa dizer que o trabalho, naquilo que ele tem de essencial, não

pertence ao mundo visível. Percebemos que os oficinairos estão o tempo todo conectados às tarefas profissionais:

[...] Fora da escola às tarefas como educador não param porque a todo momento você encontra com os alunos na rua então fora da escola às tarefas que eu tenho muito é a relação com escola ainda porque no contra projeto que eu tenho cedo aqui no bairro eu encontro muito com os alunos daqui da escola nesse projeto social . (sic. Paulo, 19 anos).

[...] Porque se eu falar assim: “ olha pode contar comigo de 07h da noite até 21:30h eu estou com você.. eu não teria jovem. Eles contam comigo o tempo todo e eu quero saber deles onde eles estão o tempo todo. (sic. Tiago, 33 anos).

Eu tô aqui o tempo todo, e praticamente eu vou em casa só pra tomar banho, comer e dormir. E depois volto pra correria de novo, entendeu? E o tempo todo eu passo pensando nesses trabalhos que a gente faz, estou sempre voltado pra isso. [...] É, a vida privada fica tomar banho, alimentar e dormir (risos), e olhar os moleque, né, cuidar dos filho. (sic. Carlos, 34 anos).

4.5 Reconhecimento: identidade e vínculo social através do trabalho

Dejours (2004) buscou mostrar que trabalhar pode ser a prova eletiva da revelação da vida a ela mesma. Mas a relação com o trabalho só oferece esta possibilidade se aquela parte que, no trabalho, vem da subjetividade for reconhecida e respeitada.

O reconhecimento do fazer confere, como acréscimo àquele que dele se beneficia, um pertencimento: pertencimento a um coletivo, a uma equipe ou a um ofício. Assim, a cooperação é um meio poderoso para conjurar a solidão social temida por muitos homens e mulheres. [...] Se considerarmos a contribuição que a cooperação pode dar no registro individual e no registro social, poderemos compreender por que é possível constituir-se uma solidariedade fundamental entre a experiência subjetiva que se procura e a implicação coletiva na vontade de dar uma contribuição às condições éticas do viver junto. (DEJOURS, 2004, p. 33).

Nas entrevistas e observações percebemos algumas situações e falas que vão ao encontro do reconhecimento sentido pelos oficinairos.

Porque, o trabalho que eu fazia, o conhecimento que eu tenho hoje, o reconhecimento na comunidade, começou na rádio “VT”. Daí a gente fez muito bem pras pessoas. [...]. Né, a comunidade valoriza em qualquer lugar, onde a gente está. Então você vai dar uma oficina lá no E, então você atravessa a comunidade inteira e você encontra com as pessoas na rua, né perguntando o que você está fazendo, o que você vai fazer. Dão ideia no que você faz e reconhece. Acho isso bacana. Uma valorização bacana que incentiva a gente, entende. (sic. Carlos, 34 anos).

Percebemos através das falas e da literatura, o quanto sentir-se reconhecido é importante para que o trabalho ganhe mais sentido e proporcione prazer.

Nos delongaremos mais na discussão do reconhecimento, por considerarmos um tema de grande relevância para a psicodinâmica. Durante o período das entrevistas vários pontos foram assinalados a luz da clínica do trabalho sobre a abordagem, conforme DEJOURS (1994) ressalta que o reconhecimento é um dos fundamentos para que possamos entender essa clínica, para o autor isso refere-se ao sentimento de aprovação no olhar do outro. Observamos na fala de um dos entrevistados o olhar diferenciado em relação ao seu trabalho, por exemplo, quando Carlos relata: “Hoje é diferente, a gente trabalhar dentro da comunidade, junto com a comunidade né, todo mundo conhece e respeita o nosso trabalho” (sic. Carlos, 34 anos).

Nesse ponto analisamos sua percepção do trabalho fazendo um link com a visão da sociedade. Já o entrevistado Tiago revela ter uma carreira antigamente em jornal conhecido em Belo Horizonte:

Tinha um cargo lá, excelente né, tinha uma renda muito boa lá, mas foi tomando uma proporção tão grande pra mim que eu decidi sair de lá, para trabalhar com capoeira, teve uma oportunidade de sair de lá, e eu sai. E eu fui vendo esta coisa parecendo, escutando esta palavra, educador, do que o oficinairo. Ah, que o oficinairo não é aquele que simplesmente... não é o cara que vai lá, e abre a porta, dá a oficina daquilo que ele faz não?! Ele participa, ele faz aquilo, ele cria, ele forma o cidadão. (sic. Tiago, 33 anos).

Nesse momento o entrevistado deixa explícito seu desejo de ser oficinairo e o reconhecimento dessa função dentro pela comunidade como um elemento significativo para essa relação. De acordo com o terceiro entrevistado, Paulo, que está no início de carreira como oficinairo, destaca-se a importância da criação do vínculo para que haja reconhecimento.

[...] a maioria das pessoas ainda me enxerga como “E” como o cara que mora na rua ali. Ah, aquele menino que mora na rua ali perto do escampado ali. Quem me conhece, me conhece assim, ainda não tem esse reconhecimento como professor, como lutador. Isso tá começando a ser mudado, muita gente hoje me conhece como lutador porque pelo trabalho pelo que eu faço mais os alunos que treinam comigo, os alunos que treinam no projeto mas ainda tô criando esse vínculo de professor e de educador com os alunos. (sic. Paulo, 19 anos).

Aos tocarmos em assuntos específicos de reconhecimento se os entrevistados se acham reconhecidos, o entrevistado Carlos cita:

Eu entrei aqui dentro, sou bem tratado. Todo mundo valoriza o que eu faço. Né, a comunidade valoriza em qualquer lugar, onde a gente está. Então você vai dar uma oficina lá. (sic. Tiago, 33 anos).

O mesmo entrevistado, Tiago, destaca sobre sua percepção no trabalho como reconhecida em alguns sentidos:

[...] o meu trabalho é reconhecido pelos pais deles que confiam que eles estejam comigo [...] Assim o reconhecimento do professor é saber que o menino voltou no outro dia é o reconhecimento familiar. [...] Do salto mortal que meu aluno aprendeu na aula de capoeira. É meu pagamento a mãe do menino dizer assim pra mim depois que meu filho está andando com vocês na capoeira [...] meu filho é o outro. (sic. Tiago, 33 anos).

Exporemos uma das experiências em que os entrevistados mostraram um pouco do seu dia-a-dia e também sua satisfação em fazer seu trabalho:

Uma pessoa muito influente na comunidade [...] que desenvolve o tráfico aqui na comunidade, tem o poder tipo assim, negativo muito grande, chegou pra mim e falou assim, numa conversa [...], “Eu quero que meu filho seja assim como você, porque eu sei o trabalho que você faz, que você muito bacana, ta aí pra colocar os moleques no caminho certo, eu quero que meu filho te siga e não á mim, o caminho que eu trilha é o caminho da penalidade do tráfico”. [...]. Então, se eu ver esse tipo de resposta, eu acho que incentiva mais á trabalhar. (sic. Carlos, 34 anos).

Analisando os dados das entrevistas recorreremos mais uma vez a Dejours (2004), ao elucidar a relevância do reconhecimento do trabalho realizado, inventado para a saúde mental do profissional:

Testemunhar sua experiência do trabalhar, tornar visíveis as descobertas de sua inteligência e seu saber-fazer é o meio de se obter o reconhecimento dos outros. Pois, para esperar o reconhecimento, é preciso, antes, vencer o obstáculo primordial sobre o qual já falamos longamente, a saber: a invisibilidade do trabalho. Assim que o trabalho efetivo acede à visibilidade, então, aí, o reconhecimento se torna possível. Reconhecimento que passa por julgamentos sobre o fazer, sobre o trabalhar, e não sobre a pessoa daquele que trabalha. (DEJOURS, 2004, p. 33).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa tanto teórica quanto prática, é possível perceber que o trabalho realizado pelos oficinairos, é marcado pela importância de se ter reconhecimento, preocupações para além do espaço físico, sobrecarga, dificuldade de separar a vida privada da profissional e obtenção de bons resultados. Neste sentido pode-se analisar que pode haver a ocorrência de um impacto desse trabalho na saúde mental dos profissionais.

Buscamos entender essa prática como momento de reflexão sobre a profissão do oficinairo, verificando a necessidade de conhecer sobre seus impactos para os trabalhadores e a sociedade. Nossa experiência nos trouxe um olhar diferenciado no modo de trabalho desses

profissionais que atuam “24 horas por dia”, estão expostos a situações de vulnerabilidade social, desafios, imprevistos, preocupações que ultrapassam o espaço físico das oficinas e mesmo assim demonstram grande prazer no exercício de sua profissão. O carinho pelos alunos das oficinas e o prazer em conquistar jovens em relação a escolhas para além do trabalho no tráfico.

Nas entrevistas realizadas foi unânime a discussão sobre a formação do cidadão como peça chave para seu papel dentro da sociedade, com isso solicitamos aos oficinairos que escolhessem um objeto que representasse o seu trabalho, e um dos entrevistados deixou uma reflexão muito interessante:

Eu acho que o objeto que é totalmente vinculado a arte marcial [...] é a espada, o tate, a espada japonesa. [...] Porque uma navalha grande extremamente cortante com ambos os lados cortantes, você tem que ter total controle do que você faz. [...] Então, a espada, ela representa pra mim muito bem a justiça, você conseguir dividir as coisas, você conseguir separar as coisas. Você ter o controle de poder separar as coisas muito bem. Então, por que a espada de dois gumes representa muito bem? Porque, ambas as partes, qualquer lado que você observar, você vai ter que tomar muito cuidado. Qualquer lado que você for tocar da espada você tem que tocar com cuidado. E a mesma coisa é um jovem desse daí, você tem que tratar com qualquer por lado que você for tratar, você tem que tratar com muito cuidado. Porque todos eles, mesmo que ele tenha uma estrutura familiar muito boa, ele vive em um local que, infelizmente, a violência tá em todo canto. (sic. Paulo, 19 anos).

A experiência de campo nos oportunizou uma articulação desta teoria com as vivências adquiridas na prática. Compreendemos que os processos de subjetivação dos trabalhadores, entendidos à luz da Psicodinâmica do Trabalho, perpassam o sofrimento, saúde e prazer relacionados à atividade laboral. E que são criadas estratégias de ação produzidas pelos trabalhadores para a lida com o trabalho real.

Os riscos da atividade que os oficinairos mais destacaram estão relacionados à vulnerabilidade social dos seus alunos que pode atravessar os limites físicos da oficina, e a continuidade da jornada de trabalho no momento privado e de descanso. Conforme afirmam os estudos da Psicodinâmica do Trabalho, essas situações podem, sim, desencadear agravos à saúde mental. Assim, abre-se uma nova questão para futuras investigações: o reconhecimento do trabalho realizado neutraliza os riscos à saúde mental do oficinairo que atua junto à população jovem e vulnerável?

Consideramos que o trabalho realizado pelos oficinairos tem grande importância social e traz enormes contribuições para a comunidade, se configurando como um trabalho essencial e que merece estudos mais aprofundados.

REFERÊNCIAS

- BENDASSOLLI, Pedro F. SOBOLL, Lis Andrea P. **Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações.** In: *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho da atualidade.* Pedro Bendassolli, Lis Andrea P. Sobool (organizadores). São Paulo; Atlas, 2011 p. 10.
- BENDASSOLLI, Pedro F. SOBOLL, Lis Andrea P. **Método de Pesquisa e intervenção em Psicologia do Trabalho.** In: *Práticas clínicas no contexto da psicodinâmica do trabalho brasileira.* Pedro Bendassolli, Lis Andrea P. Sobool (organizadores). São Paulo; Atlas, 2014.
- BUENO, Martins. MACEDO, Cátia Barbosa. *A clínica psicodinâmica do trabalho: de Dejours às pesquisas brasileiras.* In: **Ecos.** v. 2, n. 2, Goias, 2012, p. 306-318.
- BRASIL, 1997-2007, **Classificação Brasileira de Ocupações**, Ministério do trabalho e emprego. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/pesquisas/BuscaPorTitulo.jsf>>. Acesso em: 26 maio 2015.
- DEJOURS, Christophe. **Subjetividade, trabalho e ação.** Revista Produção, v. 14, n. 3, 2004, p. 27-34.
- DEJOURS, Christophe. **Os sinais direto do medo** In: *A Loucura do Trabalho.*São Paulo: Ed. Cortez-Oboré,1992, p. 66-67.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5º Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GERNET, Isabelle. DEJOURS, Christophe. **Avaliação do trabalho e reconhecimento.** In: *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho da atualidade.* Pedro Bendassolli, Lis Andrea P. Sobool (organizadores). São Paulo; Atlas, 2011, p. 60-70.
- LHUILIER, Dominique. **Filiações teóricas das clínicas do trabalho.** In: *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho da atualidade.* Pedro Bendassolli, Lis Andrea P. Sobool (organizadores).Tradução de Maria Helena C. V. Trynliniski e revisão técnica de Pedro F. Bendassoli. São Paulo: Atlas, 2011, p. 40- 43.
- MARASCHIN, CHASSOT, GORCZEVSKI, **Saberes e práticas de oficinairos: análise de uma cognição situada** Cleci Maraschin Carolina Seibel Chassot Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Deisimer Gorczewski Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), PSICO, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, set./dez. 2006, p. 287-296. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/viewFile/1450/1138>> Acesso em: 26 mai. 2015.
- MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 1994.

TRIVIÑOS, A. N. S. Entrevista semi-estruturada como técnica de coleta de informação. In:
TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em
educação.**São Paulo: Atlas, 1987p. 145-152.